

A VOZ DA AMAZÔNIA NOS ANOS 30: RÁDIO, INTELLECTUAIS E POLÍTICA

Érito Vânio Bastos de Oliveira

Resumo: O texto aqui apresentado procurou analisar as relações que alguns intelectuais, sobretudo literatos que atuavam na imprensa paraense durante os anos 30, estabeleceram com a primeira emissora de rádio da Amazônia, o Rádio clube do Pará, tentando garimpar os espaços e as ações de sociabilidades construídos e vividos por esses intelectuais, tanto de dentro como de fora do rádio paraense, seja organizando jornais radiofônicos, programas artísticos e educativos ou transmitindo palestras e discursos políticos, recebendo e promovendo autoridades da época. A intenção foi perscrutar minimamente, as práticas e relações envolvendo o rádio, os intelectuais e a política no Pará dos anos 30.

Palavras-chave: Rádio, Intelectuais e Política

Abstract: The text presented here to analyze the relations that some intellectuals, literati who mainly worked in the press over the years paraense 30, established the first radio broadcast of the Amazon, the Radio Club do Para, trying to mine the areas of sociability and the actions constructed and experienced by these intellectuals, both inside and outside the radio paraense is organizing newspapers radio, arts and educational programs or transmitting lectures and political speeches, receiving and promoting authorities of the time. The intention was minimamente people, practices and relationships surrounding the radio, the intellectuals and the policy of the 30 Para.

Procurei delimitar e entender o rádio na Amazônia sob duas angulações: primeiro, tento entendê-lo como uma instituição social e cultural que estabeleceu importantes relações com outras instituições que eram políticas, culturais ou comerciais. Em se tratando de tentar minimamente, escrever uma história social do rádio na Amazônia, também procurei observá-lo como um veículo de comunicação de massa que é, ao mesmo tempo, produtor e reproduzidor de práticas culturais que, por sua vez, constroem e veiculam modelos de comportamento social e os seus usos políticos. Dessa maneira, a análise caminha para a relação rádio-sociedade e sociedade-rádio¹, sendo ele entendido, como uma das formas para se entender a sociedade da época e sobretudo, procurando percebê-lo como um agente histórico que interferiu e alterou a própria sociedade em várias de suas transformações.

Portanto se procurou pensar na presença radiofônica na Amazônia, discutindo o papel da sua produção no debate, referente às funções da cultura: nesse aspecto, a pesquisa se voltou

* Mestrando em Historia Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará, sendo orientado pelo Prof. Dr: Aldrin Moura de Figueiredo, nos estudos referentes ao rádio e os intelectuais na Amazônia.

1 As discussões teóricas e metodológicas envolvendo o estudo do rádio como campo da história, desenvolvidas por Lia Calabre (CALABRE, Lia. O historiador e o rádio. In: Rádio e mídia sonora. Intercom.)

para um segmento social próprio, os intelectuais paraenses, e as relações que eles estabeleceram tanto com a produção artística quanto com o próprio rádio. As relações estabelecidas foram, a um só tempo, sociais e culturais e sobretudo, recíprocas: envolvendo o rádio, a arte e os intelectuais, entremeadas e dispostas por ações e usos políticos envolvendo instituições, autoridades políticas de projeções diferenciadas, espaços social e politicamente referendados, discursos oficiais, etc... constituindo relações mais complexas que escapam às simples percepções de dominação, vitimização, manipulação de um poder escalonado de alto para baixo, de um Estado forte, da instância federal até chegar no municipal, manipulando os meios de comunicação como o rádio, numa relação ativa (Governo, poder) e passiva (emissora de rádio). A análise empírica dos indícios percebidos na documentação permitiu num trabalho hermenêutico entrever relações inversas: a emissora radiofônica paraense também usava, se beneficiava e jogava com o poder instituído. Se podemos falar em manipulação, teremos que ampliar o foco para percebê-lo nas duas direções, tecidas por relações de vários e múltiplos poderes indo do institucional ao comunicacional e formacional². O poder da política precisava dialogar e jogar com o poder da radiodifusão. Descortinando essa “unidade” emissora de rádio aparecem a diversidade de agentes que faziam o rádio na Amazônia compondo-se de técnicos, colaboradores, intelectuais sobretudo literatos e músicos, além dos radiouvintes. O significante e o significado do rádio estão muito além do aspecto individual em si, foi feito e refeito, comunicado e percebido a partir de relações coletivas pudes de tensões, amizades, sociabilidades, sensibilidades, identidades estabelecendo ou fortalecendo círculos de convivência e ação de dentro do rádio para fora (sociedade, instituições, governo) e de fora do rádio para dentro dele³. Tirar o véu sobre o rádio e a chamada “cultura de massas” nos anos 30 na Amazônia é convidar para primeiro plano esses agentes da radiodifusão que “fala e canta para a planície”, destacando-se nessa década, a presença e participação de pensadores, escritores, poetas, colunistas, professores, médicos, engenheiros, tenentes e músicos de variada formação, do erudito ao popular, configurando uma intelectualidade do rádio e no rádio paraense.

2 A respeito de como se exerce o poder, ver (FOUCAULT, Michel. A Microfísica do Poder. RJ. Ed: Graal. 1979.

3 Sobre a organização, formação e círculos dos intelectuais foram profícuas as análises de Raymond Williams. (WILLIAMS, Raymond. Cultura. RJ. Ed: Paz e Terra. 2000. PP. 57- 85.)

AS LINHAS SONORAS

No dia 22 de abril de 1928, em reunião realizada na casa do Largo da Trindade, com a presença de autoridades, foi oficialmente dado o marco inicial da radiodifusão na Amazônia: nascia o Rádio Clube do Pará com seu primeiro prefixo intitulado PRAF. Justamente, no dia em que se comemora a efeméride do “descobrimento” do Brasil, aqueles homens, os fundadores do rádio paraense, desejaram demonstrar que a Amazônia também tinha descoberto e conquistado o rádio.

O Pará nessa época, sobretudo sua capital, vivia pelo menos dois tipos de sensações: uma voltada para o passado, representado por um sentimento de nostalgia, recordação dos anos “brilhantes” da *Belle Époque*, e que, por sua vez, trazia uma perspectiva de falta, abandono, esquecimento, atraso, pois toda essa sensibilidade estava, sem dúvida, relacionada ao momento da economia da borracha que, de longe, já não representava uma fase de expansão, pelo contrário, de estagnação. A outra sensação, entretanto, estava voltada para um presente novo, moderno, tecnológico, de mãos dadas com uma visão de futuro, de mudanças, vanguarda, audácia, desafio. Enfim, foi a partir de sensibilidades como essa, que sociabilidades e ações foram construídas focalizando um projeto ou sonho: criar uma emissora de rádio e dar início às primeiras transmissões radiofônicas na Amazônia.

No final da década de 20, o Pará, semelhantemente, ao restante do país tinha sua realidade institucional e governamental inserida no arranjo político oligárquico da República Velha, com grandes famílias oligárquicas dominando o cenário político paraense. No entanto, ventos de contestação e mudança se faziam sentir, tanto na política nacional, com a ação dos tenentes e da Aliança Liberal, como na política regional, no envolvimento e participação de várias pessoas nesses movimentos.

Nesse contexto da política regional, tomam destaque e partido os intelectuais paraenses, sendo bastante ativos, sobretudo na organização e viabilização política e administrativa do novo governo, a partir de 1930, quando assumiu o tenente Magalhães Barata. Esses literatos, artistas, teatrólogos,... enfim, os nossos modernos paraenses que agitaram e modificaram a arte, nas décadas de 1910 e 1920, como bem nos mostrou, o historiador Aldrin Moura de Figueiredo, no seu trabalho *Eternos modernos*⁴, se envolveram nos principais movimentos e acontecimentos políticos, culturais, sociais e tecnológicos do

4 Estudo importante que serve nas suas múltiplas possibilidades de enquadramento e compreensão, para a observação da historicidade dos literatos e artistas da Amazônia nas décadas de 10 e 20, período que abarca o chamado modernismo.

período. Estudos recentes, sobre os modernistas paraenses, nas duas primeiras décadas do século XX, nos informam que esses intelectuais não se fecharam em si mesmos, em vez disso, formaram sociabilidades com intelectuais de outras regiões do país, como os de Pernambuco e do sul do país. Foi dentro e a partir dessas novas sociabilidades firmadas entre esses intelectuais que nasceu a idéia de se fundar e por em funcionamento uma emissora de rádio na Amazônia.

O Rádio Clube do Pará surgiu e se organizou como uma *Associação* ou *Clube*, em que os associados pagavam taxas ou mensalidades. Os sócios, regularmente quites com suas mensalidades adquiriam alguns benefícios ou privilégios como “somente terão entrada os sócios quites com suas excelentíssimas famílias” (A Folha do Norte, 29/05/1931) na sede da emissora para assistir ao vivo, o programa especial do dia.

A tríade do rádio paraense: Edgar Proença, Eriberto Pio e Roberto Camelier, um ano depois da fundação da emissora, numa outra data repleta de simbolismo, o 7 de setembro do ano de 1929, colocaram para funcionar, pela primeira vez, na Amazônia, o primeiro posto transmissor de *broadcasting*, com ondas de 310 metros. Um novo grito de independência tinha sido dado em favor da modernidade, na Amazônia: iniciavam-se as transmissões radiofônicas para os habitantes da planície.

Essas imagens simbólicas associadas às datas de efemérides pátrias eram simultaneamente culturais e políticas, indicando o caráter ativo da emissora, inserindo-se nas questões sociais e políticas mais importantes da época. Nessa mesma data em que se comemora a independência do Brasil, chegou até a emissora um telegrama vindo de São Paulo cujo remetente se tratava do candidato Júlio Prestes, agradecendo o apoio dado pela emissora paraense à sua candidatura “agradeço-vos muito penhorado a expressiva prova de apreço e solidariedade com que me distinguistes por motivo da indicação da minha candidatura ao alto cargo de Presidente da República no próximo quatriênio” (A Folha do Norte, 07/09/1929) inaugura-se, assim, dessa forma a primeira aproximação e percepção formal de rádio e política na Amazônia.

A percepção dos usos e do alcance ou poder da radiodifusão nas sociedades é uma questão importante e que começou a ser debatido nos últimos anos. Inquirir a fontes e lançar questões como esta ao passado, lança luzes sobre o próprio passado quanto à própria contemporaneidade. O Velho Mundo sobretudo, os regimes totalitários europeus que se afirmaram na década de 30, nomeadamente o nazismo e o fascismo, observaram, utilizaram, controlaram, instrumentalizaram e burocratizaram a radiodifusão exatamente porque perceberam o seu alcance e poder estratégico, mobilizando imagens, sentimentos, emoções e

ações. Utilizando-se do esquema propagandístico e comercial norte-americano, a propaganda hitlerista ou a fascista se utilizou do rádio para formar uma mente e um só coração, trabalhando a idéia de unidade no seu território. No Brasil, iniciava-se a chamada “Era Vargas” depois da quebra do monopólio político das oligarquias tradicionais e do fim da política do café-com-leite. A estruturação da radiodifusão no Brasil, englobando por sua vez a Amazônia, se deu em paralelo com a “nova” estrutura política e administrativa do Governo de Vargas e ações e mudanças das interventorias nos estados da federação. Vargas procurou controlar o sistema de radiodifusão, consciente em está deparando com um meio de comunicação que parece ter nascido para esses dois pólos: governo e “massas” configurando-se tanto como uma linha vertical (discursos do presidente, ministros, governadores, interventores e secretários para a população) como uma linha circular (atingisse a todos os quadrantes do território, configurando a idéia de falar para a nação). Essa percepção de linha ou ligação, interligando vários espaços, paisagens, imagens, discursos e pessoas se produziu na radiodifusão da Amazônia. A partir de 1934, a PRC-5 instalou uma rede de linhas, ligando a emissora diretamente com importantes espaços sociais, políticos e culturais, transmitindo conferências, banquetes, palestras e apresentações em locais como: a sede do governo estadual, a prefeitura de Belém, além de sociedades como a Assembléia Paraense e instituições culturais como o Instituto Histórico e Geográfico do Pará e casas de diversões. (A Folha do Norte, 23/03/1934) A praticidade dessas ligações parecem conformar uma rede ou teia, semelhante ao da aranha, saindo de um ponto produtor, expandindo-se e conectando-se com outros pontos ou espaços produzindo um todo ou uma unidade. Nesse sentido, foi que as palavras ou discursos políticos adquiriram uma importância estratégica e prática chegando às regiões ou lugarejos mais distantes de um estado ou mesmo do país.

Dessa forma, através dos programas radiofônicos e do seu alcance social e cultural, lugares que eram “antes afastados e desconectados, se reconhecessem como parte de uma totalidade”. Para Néstor Canclini, no seu livro, *Consumidores e cidadãos* e também, Martin-Barbero e Carlos Monsiváis o rádio serviu como forma de integração social de regiões distantes do país na criação de uma identidade nacional. No caso, da emissora paraense que passou a assumir o prefixo “A voz que fala e canta para a planície”, além dessa identidade nacional, incentivada pelo próprio governo de Vargas, notou-se uma integração regional pelas ondas do rádio, em busca ou na construção e afirmação de uma identidade amazônica. Com os objetivos e interesses referidos como informar, instruir, educar, “levar cultura” (A Folha do Norte, 05/08/1934), afirmar e divulgar o que é regional e amazônico, foram realizadas inúmeras palestras e conferências pelo microfone da emissora, discorrendo sobre os mais

variados assuntos, abrangendo desde a higiene infantil, linguagem, ensino, grandes autores nacionais e suas obras literárias até assuntos discutindo sobre a Amazônia. No início do ano de 1936, segundo a imprensa de Belém, eram comuns palestras com assuntos específicos como os médicos na programação da emissora: “o professor Alberto de Moraes, catedrático da Faculdade de Medicina de São Paulo e pediatra de grande conceito ante-ontem, à noite, mais uma interessante palestra de higiene infantil”. A análise da fonte permitiu uma percepção da importância da comunicação pelo rádio, entendido pelos seus protagonistas como sendo um promotor e colaborador indispensável para a melhoria da saúde e do social através da informação e da educação. Notou-se também, uma preocupação com uma linguagem acessível, não especializada para o público ouvinte de rádio. (A Folha do Norte, 03/01/1936) Os palestrantes eram pessoas reconhecidas ou intelectuais como Alfredo Ladislau, Edgar Serra Freire e Antônio Tavernad, que assumiam um espaço na programação do dia, de aproximadamente, 15 minutos na parte intitulada Crônica Falada ou Literária. Para além dos conteúdos políticos e informativos transmitidos pelo Rádio Clube do Pará nesses anos 30, se veiculou toda uma produção literária e musical de tonalidades regionais como também reproduziu variados gêneros nacionais e internacionais, portanto uma rádio na *persona* de uma certa intelectualidade que tentava dialogar com o universal, o nacional e o regional.

VOZES E RITMOS DA AMAZÔNIA

A programação radiofônica foi palco privilegiado de ação desses intelectuais produzindo, organizando, formatando e atuando para um público que inicialmente era reduzido, mas que durante a década foi se ampliando até chegar nas regiões interioranas. Compositores paraenses e folcloristas como Waldemar Henrique e, principalmente Gentil Puget, ocuparam espaço importante na programação musical da PRC-5. Gentil Puget, por exemplo, participou e organizou vários programas na emissora, com destaque para o *Yrapuru*, na segunda metade da década de 30 e, o programa *Vozes e Ritmos do Brasil*, organizado no ano de 1939, época em que divide a atenção do público com os famosos e disputados programas de auditório da emissora. (A Semana 15/04/1939) Em ambos os programas, se tinha uma proposta musical folclórica e popular. Os conjuntos musicais com repertório de música popular continuavam tocando e tendo espaço na programação radiofônica: depois de Os Escumilhas, veio o grupo Sapucaia, e também, o Bando Verde, este último, composto por cinco músicos.

Na Amazônia, por exemplo, o humorismo também, teve seu lugar, na programação radiofônica, principalmente sendo organizado e realizado por Edgar Proença, através de palestras e peças humorísticas como, por exemplo, a que ele escreveu, denominada “O que houve num assustado?”. Edgar Proença, um dos fundadores do rádio paraense, inaugurou uma espécie de genealogia intelectual de elementos da imprensa paraense que migraram ou flertaram com a emissora de rádio paraense. Foi o primeiro intelectual do rádio na Amazônia, trazendo sua enorme experiência de ter sido o primeiro colunista social da capital paraense, assinando numa de suas colunas, *Gravetos*, o pseudônimo *Miracy*. Essa experiência literária e de imprensa, ele trouxe para o novo meio de comunicação do organizava e participava: o Rádio clube do Pará. Ainda, no início de 1934, teve início na radiodifusão da Amazônia, a organização e a montagem do primeiro estúdio de radioteatro na emissora paraense, com a apresentação de peças como o “Filho Econômico” e “Pedido de Casamento”, atraindo a atenção e o interesse do público-ouvinte paraense, uma vez “que vai sendo vulgarizado entre nós”: era o *rádio sketh* em ação! (A folha do Norte, 07/03/1934)

A programação da PRC-5 não se preocupava somente com o entretenimento, mas realçava a importância social e cultural do rádio como veículo de informação, educação e conhecimento. Os intelectuais sabiam na época, da necessidade de produção, circulação e recepção desses elementos para a coletividade regional. Com esse objetivo, foram criados e organizados os primeiros programas jornalísticos, divulgando notícias, principalmente, para o interior do Estado através de programas como o *Rádio Jornal* e o *Jornal Falado*. No começo de 1936 foi noticiado um jornal radiofônico transmitido pela emissora paraense, intitulado “A Voz do Pará”, que durava apenas 15 minutos, iniciando a partir da 20 horas e, se tratava de um “jornal falado, destinado aos municípios do interior”. (A Folha do Norte, 02/04/1936) Esse último, era tanto falado como musicado e assumia um dos primeiros prefixos da emissora, *A Voz do Pará*. A informação esportiva por volta do ano de 1932, já iniciava seu espaço na programação do Rádio Clube do Pará, através da chamada *Crônica Esportiva da Semana*, com Edgar Proença, além de ser um dos diretores da emissora, acumulava a fama de ser um fanático torcedor e entusiasta pelo futebol paraense.

Outro espaço ou formato de ação dos intelectuais na radiofonia amazônica foram as entrevistas pelo rádio de pessoas, geralmente jornalistas e intelectuais, vindos de outros estados e que visitavam ou excursionavam pela região. No dia 03 abril de 1938, a seção de rádio da Folha do Norte estampou uma importante notícia com o seguinte título “PRC-5, RÁDIO CLUBE DO PARÁ, ENTREVISTA O JORNALISTA VINHAES”, tal jornalista era redator do jornal carioca “A Noite” e acabava de excursionar pela região do rio Trombetas e,

em seguida, iria escrever ou descrever suas impressões para o citado jornal e, depois, escrever um livro sobre o assunto. Analisando a fonte, observei que o rádio antecipava e invertia a ordem informativa: antes de serem noticiadas pelos periódicos e jornais da capital (Rio), as suas informações e “impressões” sobre uma parte da região amazônica foram transmitidas aos ouvintes de Belém através de uma *entrevista radiofônica*. Essa mesma fonte sinalizou um dos aspectos inovadores e revolucionários do rádio: a criação, simultânea, objetiva e sensitiva de uma mesma totalidade, homogeneidade e temporalidade (instantaneidade), no ato de divulgar informações ou notícias: “Ontem à noite, a cidade ouviu por meio do Rádio Clube...”.

Nesses programas radiofônicos, os intelectuais (músicos e literatos) paraenses, tiveram uma participação efetiva, decisiva e diretiva. A construção e o desenvolvimento do rádio paraense passaram pela ação e movimentação (realizações e idéias) desses grupos de homens e mulheres. Sumariamente, tentar recontar a atuação e a importância deles no panorama radiofônico da Amazônia foi um dos objetivos desse texto.

A VOZ QUE FALA E CANTA PARA A PLANÍCIE

Desde a fundação da emissora e a organização dos primeiros programas radiofônicos, no final dos anos 20, até o sucesso e desenvolvimento da radiodifusão na passagem dos anos 30, chegando a meados dos 40, a participação e a ligação dos intelectuais paraenses, sobretudo músicos e literatos, com o rádio na Amazônia foi constante e decisiva. A participação e a relação desses intelectuais com o rádio paraense, se deu, de modo e situações diferentes: No início, alguns literatos modernistas paraenses que tiveram participação e envolvimento importante nos movimentos que abriram caminho para a arte moderna na Amazônia, nas décadas de 10 e 20, como Bruno de Meneses, Abguar Bastos, De Campos Ribeiro e Jacques Flores tiveram participação importante na organização e execução de programas lítero-musicais na, então, PRAF. (A Folha do Norte, 05/06/1931)

Desde o início, a emissora que “fala e canta para a planície” tinha a preocupação de educar e instruir a população, através de suas transmissões e da criação e organização de programas bem específicos como o *Quarto de Hora*, criado e transmitido em 1934, a partir do funcionamento de um Departamento de Educação e Instrução Geral do Rádio Clube que tinha como objetivo “irradiar uma série de conferências, palestras e lições acerca de assuntos que interessam a todas as classes, consoante a finalidade da radio-difusão no mundo inteiro” (A Folha do Norte, 05/08/1934). O nome vinha do seu tempo de duração que era no mínimo de dez minutos e máximo de quinze minutos, e tinha como um de suas ações e objetivos,

propagandear a obra de grandes escritores brasileiros. Chamou a atenção, as idéias veiculadas por esse Departamento da emissora, como unidade da raça e nacionalidade brasileira.

A historiadora brasileira Ângela de Castro Gomes, no seu livro *História e historiadores*, discute como o governo de Vargas, principalmente no período estado-novista, procurou se aproximar e trabalhar junto, com uma parte significativa da intelectualidade brasileira, construindo uma visão sobre o passado através de um discurso histórico e de uma política cultural, que tinha entre seus objetivos divulgar idéias sobre integração nacional, nacionalidade brasileira, “brasilidade” e unidade da raça, através da divulgação e comentário de grandes temas nacionais e grandes escritores brasileiros, foram criadas as coleções *Autores e Livros* e *Cultura Política* e, em certo momento, focalizando a coleção *Autores e Livros*, afirma que um de seus objetivos era “a cada domingo homenageava-se um autor considerado relevante na trajetória cultural do país, compondo-se, dessa forma, ao longo do tempo, uma galeria de nomes e obras indicativas ‘do que se deveria ler para conhecer o Brasil’”. A comparação com o que aconteceu no rádio paraense, tornou-se irrecusável: pelo menos, seis anos antes, o Rádio Clube promoveu uma política de produção e reprodução cultural de uma semelhança destacada. Realçou ainda, que essa homenagem reiterava a dimensão ou qualidade intelectual, mas também, o seu perfil e abrangência ética. (GOMES, 1995: 29 e 32, 1995)

E, principalmente, um Departamento preocupado em desenvolver essa política cultural e a censura governamental: era o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) com suas várias subdivisões pelos estados conhecidos como *Deips*, esses Departamentos nos estados, tiveram entre suas preocupações, controlar, utilizar e censurar o conteúdo veiculado pelo rádio. A chefia desses departamentos geralmente, ficou sob a responsabilidade de intelectuais investidos na promoção da imagem e da política cultural do Estado Novo, por exemplo, no DEIP paraense tivemos como o intelectual responsável pela seção de Rádio, Teatro e Diversões, um dos fundadores do rádio na Amazônia, Edgar Proença.

Ângela de Castro Gomes discorrendo sobre esse ambiente de relações na década de 30 e 40 analisou aquelas estabelecidas durante o Estado Novo, entre ordem política e sociocultural, ou seja, entre Estado e importantes atores como os intelectuais, visando uma comunicação com o “povo” na busca das raízes da nacionalidade, O estado assume então, o papel de tutelar a cultura e tendo ao mesmo tempo, como parceiros, os intelectuais, entendidos como os únicos que poderiam ocupar o lugar fundamental de “intérprete” ou “erudito” que sabe captar o “espírito nacional” ou nacionalidade. Assim, foi concebido um novo acordo entre “política” e “sociedade”, intermediado pelos intelectuais (mediador), caracterizando,

dessa maneira, o lugar e a função social e política desses intelectuais. Parece inquestionável, para a concretização desse acordo, a necessidade imperativa de comunicação entre o regime e o povo. (GOMES, 1995: 136-37) Foi dentro dessa relação, Estado e intelectualidade que foi inserido o rádio como um terceiro elemento, responsável pela divulgação e massificação dessa política cultural da época, uma vez que, o rádio poderia atingir a todos os segmentos sociais, inclusive, a maioria da população que era de analfabetos e nas regiões mais distantes do território.

O rádio foi visto e usado como um dos instrumentos mais eficazes para o projeto de se construir uma nação e uma identidade nacional. Assim, um ponto fundamental da construção da idéia de nação é o seu apelo ao sentimento de “igualdade” e integração, dentro de um território onde se destacam as diversidades. Nesse contexto, o rádio passou a ser utilizado como produtor e veiculador de uma identificação entre o “povo” e a “nação”. (GOMES, 1995: 18-19)

Discorrendo sobre as relações envolvendo rádio, arte e intelectuais, tornou-se interessante, procurar observar e problematizar sobre a visão que os intelectuais paraenses possuíam sobre o rádio e a arte na Amazônia. Para muitos desses intelectuais, o rádio tinha um papel social e cultural bem destacado que seria o de se constituir como uma nova forma de propagar e ensinar a “arte nacional”, mesmo para as chamadas “classes menos favorecidas” conformando uma espécie de política cultural (A Folha do Norte, 10/05/1931). Dessa maneira, o rádio se converteria num excelente meio de expansão da arte brasileira, entendida na perspectiva nacionalista da época. Desse modo, tornava-se necessário a construção de um trinômio importante: rádio, arte e intelectuais.

BIBLIOGRAFIA

- CALABRE, Lia, O historiador e o rádio: relações em questão. In: *Rádio e mídia sonora*, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multinacionais da globalização*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.
- FIGUEIRDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908 – 1929)*. Tese de Doutorado. UNICAMP. 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro. Editora: Graal, 25ª edição, 1979.
- GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. 1ª Ed. Rio de Janeiro. FGV. Siciliano. 1995.
- MORAES, José Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular Em São Paulo (Anos 30)* 1ª Ed. SP. Estação Liberdade. apesp. 2000.
- VIEIRA, Ruth e GONÇALVES, Fátima. *Ligo o rádio para sonhar*. Belém: Ed. Prefeitura de Belém, 2003.